

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XL
Volume II

**O espírito polémico de Herculano
na defesa do património espiritual**

ARTUR ANSELMO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2019

O espírito polémico de Herculano na defesa do património espiritual

ARTUR ANSELMO

Herculano, que de si próprio dizia ter «um carácter impetuoso e irascível»¹ e ser «o homem menos cumprimenteiro de Portugal»², nunca hesitou em varrer a sua testada em questões históricas e doutrinárias de importância excepcional. Exemplos desta actividade de polemista, entre os mais conhecidos e os que mais tinta fizeram correr, são as suas intervenções nas controvérsias *Eu e o clero* (1850-1851) e o *Casamento Civil* (1865-1867). Mas, como já notara Manuel Trindade no estudo sobre «Herculano polemista», inserido na obra colectiva *As grandes polémicas portuguesas*, que tive o gosto de dirigir nos alvares da minha carreira literária, numerosos outros escritos de Herculano têm a marca do polemista. Poderia mesmo afirmar-se que tudo quanto saiu da pena do autor da *História de Portugal* (incluindo muitas das cartas particulares escritas como bibliotecário da Casa Real, como Vice-Presidente da Academia das Ciências, como deputado, como figura pública ou até como simples lavrador) reflecte o seu espírito polémico.

Na nossa História Cultural não faltam vultos que, respondendo a ataques dos seus adversários ou tomando eles próprios a iniciativa de entrar na liça, parece comprazerem-se nos meandros da polémica intelectual. Mesmo sem lembrarmos o chamado «modelo de polémica portuguesa», que opôs Camilo Castelo Branco a Alexandre da Conceição, basta passar os olhos pelas polémicas em que intervieram um José Agostinho de Macedo, um Sena Freitas, um Ramalho Ortigão (ou, em tempos ainda não muito recuados, um António Sérgio ou um Alfredo Pimenta), para sentirmos como os grandes pugnadores de ideias se deixam seduzir pelo gosto da polémica.

¹ *Carta a Almeida Garrett a propósito de uma outra sua* (1851). Trata-se de uma peça fundamental para a compreensão da posição de Alexandre Herculano na polémica com Garrett acerca da «Propriedade literária».

² Carta para Soares de Passos. In: Alberto Pimentel, «Saudação de Herculano a um poeta». *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. 3 (1910), p. 161.

No caso de Herculano, um amigo que bem o conheceu, seu colega na Comissão Redactora do *Código Civil* de 1867 — o doutor Vicente Ferrer, da Universidade de Coimbra —, no *Elogio histórico de Alexandre Herculano*, lido no Instituto de Coimbra em 1878, deixou-nos dele o seguinte retrato psicológico:

... a rigidez de carácter de têmpera antiga revelava-se em todas as suas acções e em todas as suas obras literárias. Dominado sempre pelas ideias do verdadeiro, do justo, do moral e do belo, nenhuma consideração pessoais, por mais alto que fosse o seu alvo, tinham força para o desviar das suas convicções. Como a linha recta, ia sempre direito até ao fim. Era indómito. Não calculava resultados nem conveniências. Detestava as maneiras acomodáticas da nossa sociedade. E por isso a qualquer homem corrupto e de reputação perdida não apertava a mão e não tirava o chapéu, nem ainda em público. Daqui resultou que algumas pessoas, ou por má-fé, ou porque o não tinham tratado de perto, o julgaram orgulhoso e soberbo. Foram injustas.³

Se estas palavras são pertinentes quando aplicadas às mais conhecidas polémicas de Herculano, o mesmo poderá dizer-se a propósito de textos menos divulgados, alguns dos quais só foram inseridos nos *Opúsculos* depois de aturadas pesquisas de António José Saraiva e de Joel Serrão. (Entre parêntesis, ocorre lembrar que ainda não dispomos de uma edição completa dos *Opúsculos*, mau grado o esforço de Jorge Custódio e José Manuel Garcia, responsáveis pela publicação de seis tomos de um conjunto que se previa tivesse oito; e também Joel Serrão, especialmente bem preparado para a tarefa, aumentando embora consideravelmente o número de textos herculanianos ainda não recolhidos em livro, ficou pelo segundo tomo.)

Seguindo a tradição de todos os editores dos *Opúsculos*, que os organizaram segundo afinidades temáticas, selecionei três textos directa ou indirectamente relacionados com a problemática do Património: o texto sobre «Os Egressos» (de 1842), a famosa carta acerca d'«As freiras de Lorvão» (de 1853) e a não menos famosa missiva sobre «A supressão das Conferências do Casino» (de 1871). Nas três intervenções assistimos à defesa intransigente do património espiritual da

³ *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. 3 (1910), p. 26.

Nação, em resultado da mais estreita vigilância sobre o património material legado pelas gerações anteriores à época em que Herculano escrevia. Melhor: escrevia depois de ter percorrido o país, por assim dizer, de ponta a ponta, em busca do paraíso perdido da documentação posta a saque com a extinção das Ordens Religiosas. E, diga-se em abono da verdade, era insuspeito nesses ardores de cavaleiro medieval: basta ler os seus furiosos ataques ao absolutismo, num dos quais (de 1851) junta no mesmo saco «os capitães-mores, os dízimos, os frades, as bruxas, as milícias, os quartos, os oitavos, as jugadas, a patriarcal, os lobisomens, as cortes de Lamego, as alçadas *ad-hoc*, os tractos espertos, a legitimidade dos adultérios desembargatórios».⁴

Como compaginar estas objurgatórias com o sentido profundo da «Petição humilíssima a favor de uma classe desgraçada», acerca do modo como os vencedores das lutas civis de 1828-1834 tinham dado ordem de despejo aos residentes masculinos dos conventos extintos. A cena do velho frade, expulso de Santa Cruz de Coimbra para que a câmara municipal, nova proprietária do convento, aí construísse (são palavras de Herculano) «não me lembra ao certo se um espojeiro se uma sentina»⁵, traz-nos à memória outras páginas de historiadores insuspeitos de legitimismo, como o atrabiliário José Caldas, que não foi apenas autor da *História dum fogo-morto* mas também de *Os humildes*, onde os egressos (ou melhor, *os expulsos*, como dizia um deles, Frei José de São Tomé, o primeiro biografado dessa galeria de retratos) arrastam existência penosa fora dos seus conventos, à espera da morte. Herculano, o bravo do Mindelo, o admirador entusiástico de Mouzinho da Silveira, dirigindo-se aos seus correligionários, exclamava:

Fizestes uma coisa absurda e impossível: deixastes na terra cadáveres vivos, e assassinastes os espíritos. Ao menos que esses cadáveres não sintam traspassá-los o vento que sibila nas sarças, a chuva que alaga as campinas, o frio que entorpece as plantas e os membros dos animais. Pão para a velhice desgraçada! Pão para metade dos nossos sábios, dos nossos homens virtuosos, do nosso sacerdócio! Pão para os que foram vítimas das crenças, minhas, vossas, do século, e que morrem de fome e de frio!

⁴ *Opúsculos*, 2.º vol. da ed. Custódio e Garcia, 1983, p. 194.

⁵ *Ibidem*, 1.º vol., p. 98.

Onze anos decorridos sobre a publicação d'«Os egressos» na *Revista Universal Lisbonense*, precisamente na época em que Alexandre Herculano, em representação oficial da Academia das Ciências, visita os principais cartórios conventuais do Norte e do Centro do país, publica-se, sob a forma de carta a António de Serpa Pimentel, datada de 20 de Julho de 1853, um dos mais dramáticos textos de Herculano, conhecido pelo título «As freiras de Lorvão». A situação que dá origem à intervenção do escritor é bem conhecida: com a publicação, em 28 de Maio de 1834, do decreto de extinção dos «conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos de todas as ordens regulares, seja qual for a sua denominação, instituto ou regra» (assim o preceituava o articulado legal), ficou indefinida a posição dos conventos das freiras. Estes, segundo o projecto do regente D. Pedro⁶, manter-se-iam abertos, se o número de religiosas o justificasse, e autorizar-se-ia que as freiras abandonassem os conventos por iniciativa própria. Até ao fim do século XIX, os governos foram deixando que o tempo se encarregasse de resolver a questão, até que morresse a última freira.

Nestes termos, o facto, relatado por Herculano, de haver freiras a passar fome no mosteiro beneditino de Lorvão era uma consequência natural da desatenção do governo. Conhecida a influência moral que o historiador tinha em todos os gabinetes ministeriais do liberalismo, percebe-se que, ao confiar as suas impressões a um amigo influente na vida política, Herculano não tinha dúvidas de que a carta seria imediatamente publicada na imprensa periódica — como foi — e que a situação aí descrita seria, se não resolvida, possivelmente minorada nos seus aspectos mais chocantes. E, uma vez mais, soam aos ouvidos do leitor os acordos da *Voz do Profeta*, d'*Os egressos* e de outras páginas singulares:

Morrem aqui lentamente umas poucas de mulheres, fechadas numa tumba de pedra e ferro [...] No mosteiro sumptuoso, vasto, alvejante, com um aspecto exterior quase indicando opulência, [...] não há pão, mas só lágrimas. Lorvão é pior do que um carneiro onde se houvessem metido vinte esquifes de catalépticos, selando-se para sempre a laje da entrada. O cataléptico, fechado no seu caixão, ouve, sente, tem a consciência de que foi sepultado

⁶ Cf. António Viana, *José da Silva Carvalho e o seu tempo*, vol. 2.º, p. 153.

vivo. Nas trevas e na imobilidade, o terror, a desesperação, a falta de ar matam-no em breve: a sua agonia é tremenda, mas não é longa.

Tendo ido a Lorvão, em reunião da Academia e com assentimento da autoridade eclesiástica, para salvar da destruição ou do abandono tesouros insubstituíveis do património cultural português (como o *Apocalipse* dito de *Lorvão*, que as freiras lhe entregaram e hoje se encontra na Torre do Tombo), Herculano dá-nos uma nobilíssima lição acerca do conceito de «monumentos históricos.» Nestes vestígios veneráveis está não apenas a sua exterioridade mas também a sua alma:

Aqueles livros de pedra — escreve no 2.º volume dos *Opúsculos* —, complexos como os poetas de cavalaria, ingénuos como os poemas do Cid ou dos Nieblungen, converteram-se em palimpsestos donde se raspou a história das crenças, dos costumes, dos trajos, das alfaias das antigas eras; onde se apagaram os vestígios de sucessos notáveis, de dramas populares, de lendas poéticas, e até de retratos únicos de varões singulares.⁷

Apagar, riscar, alimpar (este último verbo serviu a Frei Bartolomeu Ferreira, o censor de Camões, para significar o seu trabalho de *alimpador* inquisitorial), eis tarefas que, numa visão alargada do conceito de Património, tanto se aplicam ao camartelo que se abate sobre um monumento histórico, por decisão de qualquer câmara municipal, como à censura intelectual exercida por qualquer governo ou instituição, fora do quadro em que o senso comum limita o exercício das liberdades individuais. Assim se compreende a intervenção de Alexandre Herculano no caso da «Supressão das Conferências do Casino», uma das raras oportunidades em que o proprietário de Vale de Lobos saiu do seu retiro para comentar um acontecimento de repercussão nacional.

Servindo-se, uma vez mais, do expediente da carta a um amigo (José Fontana, neste caso), Herculano vai direito ao assunto e, em meia dúzia de palavras, resume o essencial da questão em termos de franca actualidade, talvez mais no século XXI do que no século XIX:

⁷ *Opúsculos*, 2.º vol. p. 18 da 5.ª ed.

Quanto à proibição das conferências — *escreve Herculano* —, que quer que lhe diga? É pior que uma ilegalidade, porque é um despropósito; e na arte de governar, os despropósitos são às vezes piores que os atentados. O que seria escutado e em grande parte esquecido por cem ou duzentos ouvintes será agora lido e meditado por milhares, talvez, de leitores. Diz-me que se tomou por pretexto da supressão das conferências o desagravo da religião ofendida. Erro deplorável. Ideia perseguida, ideia propagada: lei perpétua do mundo moral, perpetuamente esquecida pelo Poder.⁸

Palavras justas, escritas há 130 anos, bem poderíamos aplicá-las à comunicação social dos nossos dias, com a agravante de a sofisticação tecnológica ter tornado a situação muito mais preocupante.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 21 DE OUTUBRO DE 2010)

⁸ *Opúsculos*, 1.º vol. p. 252 da 6.ª ed.